



VIOLÊNCIA ESTRUTURAL, PRÁTICAS DE CURA E SAÚDE MENTAL EM JOVENS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MACIÇO DE BATURITÉ

Emanuel Gomes Da Silva¹
Larissa Niemann Pellicer²
James Ferreira Moura Junior³

RESUMO

O estudo intitulado "Violência Estrutural, Práticas de Cura e Saúde Mental em Jovens Indígenas e Quilombolas na Educação Básica no Maciço de Baturité" explora o impacto da violência estrutural, incluindo o racismo, na saúde mental dos estudantes da comunidade quilombola da Serra do Evaristo. Conduzido pelo grupo de pesquisa reaPODERE, o estudo investiga como essas comunidades desenvolvem práticas de cura como estratégias de resistência contra a violência histórica. Utilizando métodos mistos (quantitativos e qualitativos), a pesquisa envolveu círculos de cultura, entrevistas e questionários com alunos e professores. Os resultados destacaram a importância da identidade e do território para os jovens quilombolas e a centralidade das práticas culturais e tradicionais em sua educação. O projeto também produziu um curta-metragem, apresentando as narrativas da comunidade, que foi compartilhado com os alunos e a comunidade mais ampla. A iniciativa enfatizou a necessidade de contínuas colaborações de pesquisa para apoiar as comunidades indígenas e quilombolas em sua luta por reconhecimento e bem-estar.

Palavras-chave: território; saúde; quilombolas.

Universidade da integração internacional da lusofonia afro brasileira, Humanidades, Discente,
emanuelgomes@aluno.unilab.edu.br¹

Universidade Federal do Ceará, Psicologia, Discente, larissaniemann95@gmail.com²

Universidade da integração internacional da lusofonia afro brasileira, Humanidades, Docente, james.mourajr@unilab.edu.br³

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (2022) recomenda que as estratégias de promoção de saúde tenham vinculação com a realidade da comunidade de cada território, utilizando os conhecimentos produzidos pelos próprios povos. Assim, práticas de cura desenvolvidas pelos povos Quilombolas para as consequências das violências historicamente enfrentadas é imprescindível para o desenvolvimento de estratégias de promoção de saúde contextualizadas e efetivas.

Igualmente, é extremamente necessário entender a origem da violência e sua relação com o processo de colonização (Grosfoguel, 2016). Observam-se os efeitos mais profundos e duradouros da colonialidade sobre as estruturas sociais, enraizando-se na intersubjetividade, e produzindo hierarquias e violência histórica em povos indígenas e quilombolas (Pitombeira, Melo, Moura Jr, & Bomfim, 2019). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2013), a injustiça social e a pobreza são as grandes causas para as desigualdades que interferem direta e indiretamente nas condições de saúde e doença das populações.

A violência é um conceito polissêmico e complexo que faz parte da sociabilidade da realidade brasileira e deve ser analisado de forma estrutural e psicossocial (Dutta, Sonn, & Lykes, 2016). Atravessa de forma mais contundente a vida de determinados grupos sociais, a depender dos marcadores de raça, de classe e de gênero, produzindo historicamente desigualdades sociais, políticas, econômicas e, por isso, é preciso traçar estratégias de reparação ao lado daqueles diretamente afetados (Martín-Baró, 2017).

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza mista (qualitativa e quantitativa) e entre suas metodologias, incluiu rodas de conversa e círculos de cultura junto dos alunos das escolas das comunidades, além da aplicação de questionários.

Cabe ressaltar que todas as técnicas e instrumentos de pesquisa serão organizadas e elaboradas ouvindo os povos e comunidades envolvidas de acordo com os princípios éticos e metodológicos a saber: i) cada povo/comunidade indicará as representações para acompanhamento, monitoramento e avaliação das ações do projeto segundo critérios próprios de suas organizações sociopolíticas; ii) é reconhecido que cada povo/comunidade possui sistemas próprios de educação escolar garantidos pela legislação vigente; iii) respeitar-se-á os limites de acesso dos/as pesquisadores/as do projeto a conhecimentos e informações consideradas segredos do campo ritual/cosmológico; iv) é reconhecido que cada povo/comunidade possui concepções próprias de violência, violações de direitos humanos devendo-se respeitar o diálogo conceitual na perspectiva intercultural crítica; v) o projeto guia-se pelas normas brasileiras de ética em pesquisa e pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho sobre Povos Indígenas e Tribais, cuja norma internacional o Brasil é signatário.

Na fase quantitativa, para realizar busca ativa e detecção precoce em saúde mental nas escolas indígenas e quilombolas, considerando recortes de raça/cor, sexo e faixa etária, procedemos utilizando as seguintes ferramentas de rastreamento: o Alcohol Use Disorders Identification Test, versão reduzida (AUDIT-C), instrumento desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde [OMS] (2001) e cuja finalidade é identificar pessoas com consumo de risco de álcool; o o Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test/ASSIST (OMS), para triagem geral do uso de drogas; e o Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20), desenvolvido também pela OMS (1994), para avaliar a presença de Transtornos Mentais Comuns.

Os dados quantitativos serão analisados por meio de estatísticas descritivas no software SPSS, versão 25.A

análise dos instrumentos SRQ-20, AUDIT-C e ASSIST ocorrerá com base no Microsoft Excel e o Pacote Estatístico (SPSS versão 20), onde organizaremos e sistematizaremos os dados de natureza quantitativa. A partir do banco de dados, serão realizadas análises descritivas, inferenciais e multivariadas, baseadas nos objetivos propostos para cada estudo.

Já na fase qualitativa, a entrevista foi uma das metodologias adotadas. Esta é uma das estratégias centrais da pesquisa social e as perguntas tendem a focalizar um ou mais temas que, para os entrevistados, talvez nunca tenham sido alvo de reflexão, podendo gerar práticas discursivas diversas, não diretamente associadas ao tema originalmente proposto (Madureira & Branco, 2001; Spink e Medrado, 2004). Algumas pesquisas (Fontanella, Campos & Turato, 2006; Fraser & Gondim, 2004) comentam ainda que uma entrevista pode ser estruturada, semiestruturada ou não estruturada. No caso desta pesquisa, o fluxo de entrevistas assumiu o formato semiestruturado; assim, as perguntas que fizeram parte do eixo das entrevistas não limitaram possíveis discussões e reflexões, mas serviram mais como direção inicial para as temáticas a serem exploradas com as pessoas participantes. Entretanto, de modo geral, as perguntas percorreram as seguintes temáticas: 1) a compreensão dos jovens sobre violência estrutural, direitos humanos e processos de cura; 2) o acesso desses jovens aos benefícios sociais e aos programas em seus respectivos territórios; 3) suas experiências de violação; e 4) investigação sobre processos de cura ao longo de suas vidas. As entrevistas foram transcritas e serão, posteriormente, analisadas.

Além das entrevistas, entre as metodologias qualitativas adotadas está o círculo de cultura. Desenvolvido por Paulo Freire (2005) para trabalhar com grupos populares e subalternizados, o Círculo de Cultura é um espaço circular de diálogo, onde se estabelece uma relação horizontal entre pesquisador e colaborador, ocorrendo a interação entre o saber científico e o saber popular, de modo que se torna possível problematizar a realidade social a partir de referências produzidas por ela mesma. Para Freire (1996), os Círculos de Cultura auxiliam na construção de uma intervenção ético-política no mundo, a qual busca diminuir as distâncias sociais. Constrói-se, assim, um saber fundado na ética da não-exploração do ser humano, bem como de sua emancipação (Freire, 1996).

Após a transcrição das entrevistas e do conteúdo produzido nos círculos de cultura, os achados e os sentidos de pesquisa serão analisados com suporte do software Atlas.ti. Ademais, considerando o material produzido nas etapas associadas ao emprego das entrevistas e dos círculos de cultura, o uso desse software também auxiliará na organização da base de dados, permitindo construir categorias indutivas e dedutivas a partir de elementos que se repetem ao longo do conteúdo transcrito (Kluber, 2014; Pocrifka & Carvalho, 2014). As categorias serão interpretadas com base na Análise de Conteúdo. Enquanto a Análise de Conteúdo proporcionará maior capacidade de sistematização do conteúdo semântico e simbólico fruto da pesquisa (Silva & Fossa, 2015), os Estudos Decoloniais servirão de arcabouço teórico-conceitual para a discussão dos resultados da pesquisa (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres & Grosfoguel, 2019).

Ao iniciar o contato com as pessoas participantes, tendo em vista a faixa etária abarcar pessoas menores de 18 anos, foram disponibilizados: o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para responsáveis e o Termo de Assentimento Livre e esclarecido (TALE) para as/os participantes. Tais documentos orientam sobre os possíveis riscos presentes ao participar da pesquisa, como também evidenciará que, além de a participação ser voluntária, a qualquer momento o participante pode se retirar da pesquisa sem prejuízo ou dano algum, observando as recomendações da Resolução n° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através dos dados levantados com os questionários e sentidos produzidos nas entrevistas e rodas de cultura,



percebe-se a importância de ser quilombola para os/as estudantes quilombolas. O sentimento que isso representa para cada pessoa da comunidade, bem como o território para cada um, é algo importante.

Antes de ser pesquisador, já havia visitado a comunidade da Serra do Evaristo. No entanto, estas eram visitas rotineiras, as vezes só de passagem, mas durante a pesquisa realmente pude conhecer melhor o território, entender como algumas coisas e relações funcionam, conhecer as lideranças e os moradores da comunidade, as crianças, jovens e a escola, é algo realmente diferente de qualquer outra experiência. O território e o ensino da escola quilombola situada ali são de extrema relevância para a comunidade. Apesar da simplicidade das dificuldades enfrentadas, da falta de recursos e da precariedade da estrutura da escola, as/os professoras/es, quilombolas e moradoras/es da comunidade, são centrais para a integração do ensino formal com as práticas culturais e tradicionais do quilombo.

Durante os relatos e vivências compartilhados, foi possível notar a alegria na fala das crianças e jovens da escola ao falar sobre o quilombo, onde moram e o que a Serra do Evaristo representa como um todo para a vida de cada um. Como um dos objetivos da pesquisa é entregar uma devolutiva à comunidade que possa contribuir com suas demandas e lutas, um dos resultados dos círculos e cultura foi a criação de um curta metragem a partir de registros audiovisuais e narrativas das/dos estudantes sobre a comunidade. Nessas narrativas, escolheram contar um pouco da história do quilombo e registrar alguns de seus espaços e elementos culturais. Depois de editado, retornamos à escola para realizar uma mostra do curta aos estudantes, equipe escolar e à comunidade. Este foi um momento importante e a comunidade expressou satisfação com o trabalho construído. O curta está disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=W3zW0lXJdXs>
<https://www.youtube.com/watch?v=W3zW0lXJdXs>

CONCLUSÕES

Os resultados obtidos foram de acordo com o planejamento da pesquisa. Os questionários trouxeram dados importantes e as entrevistas e círculos de cultura realizados mostraram como professores e pesquisadores, futuros profissionais da área, temos que continuar a desenvolver pesquisas e trabalhos junto a essas comunidades, pois a troca de conhecimentos é enriquecedora e não se aprende isso na escola/universidade convencional.

A cultura do quilombo da Serra do Evaristo é rica no artesanato, na culinária, na agricultura, dentre tantas outras com as quais muito se pode aprender.

Não só as atividades realizadas durante a pesquisa, mas também a convivência na comunidade, foram momentos potentes de aprendizado. A cada fala, íamos conhecendo mais ainda sobre essa comunidade resistindo tão próximo à Unilab, em Baturité.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao orientador James Moura Ferreira Junior.

Agradeço ao grupo de pesquisa reaPODERE (Rede de estudos e afrontamentos contra as pobreza, discriminações e resistências).

Agradeço à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) pelo financiamento da pesquisa intitulada VIOLÊNCIA ESTRUTURAL, PRÁTICAS DE CURA E SAÚDE MENTAL

EM JOVENS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MACIÇO DE BATURITÉ, executada entre 01/10/2023 a 30/09/2024, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) e Tecnológica (Pibiti), da Unilab.

REFERÊNCIAS

- Adams, G., Dobles, I., Gómez, L. H., Kurtiş, T., & Molina, L. E. (2015). Decolonizing Psychological Science: Introduction to the special thematic section. *Journal of Social and Political Psychology*, 3(1), 213-238. <https://doi.org/10.5964/jspp.v3i1.564>
- Akotirene, C. (2019). Interseccionalidade. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Albuquerque, P. P. & Williams, L. C. A. (2015). Homofobia na escola: relatos de universitários sobre as piores experiências. *Temas em Psicologia*, 23(3), 663-676.
- Alcoff, L. M. (2016). Uma epistemologia para a próxima revolução. *Sociedade e Estado*, 31(1), 129-143.
- Almeida, S. S. (2004). Violência e direitos humanos no Brasil. *Vermelha Estudos de Política*, 40(11), 40-68.
- Alves, C. B., & Delmondez, P. (2015). Contribuições do pensamento decolonial à psicologia política. *Revista Psicologia Política*, 15(34), 647-661.
- Atallah, D. G., Dutta, U., Hana, M. R., Bernal, I., Robinson, R., Del Rio, M., Voyard, C., Al-Ajarma, Y., Antilef, I., Azad, A.K., Bivens, D., Darwish, A., Painemal, C.C., Hakim, C., Hussain, K.S., Jones, D., Marrero, W., Mervin, A., Mitchell, S. S., Mullah, M., Musleh, A., Lizama, E.P., Rosa, M., Tang Yan, C., & Jara, G. C. T. (2022). Transnational Research Collectives as Constellations of Co-Resistance: Counterstorytelling, Interweaving Struggles, and Decolonial Love. *Qualitative Inquiry*. 01-13.
- Atallah, D. G., Bacigalupe, G., & Repetto, P. (2021). Centrando nas margens: práxis de resiliência comunitária crítica. *Journal of Humanistic Psychology*, 61 (6), 875-905.
- Atallah, D. G., & Dutta, U. (2021). Creatively in Coalition from Palestine to India: Weaving stories of refusal and community as decolonial praxis. *Jornal de Assuntos Sociais*.
- Atallah, D. G., Contreras Painemal, C., Albornoz, L., Salgado, F., & Pilquil Lizama, E. (2018). Engajando a práxis de resiliência comunitária crítica: um estudo qualitativo com comunidades mapuche no Chile enfrentando racismo estrutural e desastres. *Journal of Community Psychology*, 46 (5), 575-597.
- Atallah, D. G., Shapiro, E. R., Al-Azraq, N., Qaisi, Y., & Suyemoto, KL (2018). Descolonizando a pesquisa qualitativa por meio do engajamento comunitário transformador: investigação crítica da resiliência com refugiados palestinos na Cisjordânia. *Pesquisa Qualitativa em Psicologia*, 15 (4), 489-519.
- Atallah, D. G. (2017). Um estudo qualitativo baseado na comunidade de resiliência intergeracional com famílias de refugiados palestinos que enfrentam violência estrutural e trauma histórico. *Psiquiatria transcultural*, 54 (3), 357-383.



- Atallah, D. G. (2016). Rumo a uma virada decolonial no pensamento de resiliência em desastres: exemplo dos mapuches do sul do Chile nas linhas de frente e nas falhas. *International Journal of Disaster Risk Reduction*, 19, 92-100.
- Ballestrin, L. (2013). América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (11), 89-117.
- Barbeiro, A., & Machado, C. (2010). Violência institucional e privação dos direitos humanos. In C. Machado (Ed.), *Novas formas de vitimação criminal* (pp.237-276). Braga: Psiquilíbrios.
- Barbosa, V. N. M., Júnior, J. F. M., & Ximenes, V. M. (2021). Pobreza e sentido de comunidade em mulheres do interior do Ceará:: Possibilidades de intervenção a partir da Psicologia Comunitária. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 7(2), 26-50.
- Batista, N. (1990). *Punidos e mal pagos: violência, justiça, segurança pública e direitos humanos no Brasil de hoje*. Rio de Janeiro, RJ: Revan.
- Bernardino-Costa, J. (2015). *Saberes subalternos e decolonialidade: os sindicatos das trabalhadoras domésticas no Brasil*. Brasília, DF: EdUnB.
- Bilge, S. (2009) Théorisations féministes de l'intersectionnalité. *Diogenes*, 225(1), 70-88.
- Kaba, M. & Hassan, S. (2019). *Fumbling Towards Repair: A Workbook for Community Accountability Facilitators*. Chicago, IL: Project NIA and Just Practice.
- Heidemann, I. T. S. B., Dalmolin, I. S., Rumor, P. C. F., Cypriano, C. C., Costa, M. F. B. N. A. D., & Durand, M. K. (2017). Reflexões sobre o itinerário de pesquisa de Paulo Freire: contribuições para a saúde. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 26(4), 1-8.
- Iyanda, A. E., Krishnan, B., & Adeusi, T. J. (2022). Epidemiology of suicidal behaviors among junior and senior high school adolescents: Exploring the interactions between bullying victimization, substance use, and physical inactivity. *Psychiatry Research*, 318, 114929.
<https://doi.org/10.1016/j.psychres.2022.114929>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). *Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira 2021*. IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais.
- Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas; Fórum Brasileira de Segurança Pública. (2021). *Atlas da Violência 2021*. Disponível em:
<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/212/atlas-da-violencia-2021>
- Kaminer, D. (2006). Healing processes in trauma narratives: A review. *South African journal of psychology*, 36(3), 481-499.